

A ressignificação da divindade de São João Maria nos discursos contemporâneos¹

Tânia Welter*

Resumo

Este é um estudo sobre os discursos contemporâneos a respeito da divindade do profeta São Maria em Santa Catarina. Partindo da noção de discurso como ação humana significativa (Ricoeur), afirmo que os discursos a respeito de João Maria são ressignificados pelos joaninos de acordo com sua cultura histórica, possuem temporalidade, expressam algo e são disponibilizados para outras leituras e interpretações. Com base em critérios como características físicas, modo de vida, família, capacidades especiais, missão na terra e atribuída imortalidade, os joaninos legitimam a divindade de João Maria, o qual se torna adequado na interpretação de mundo, no controle da indeterminação do mundo, para anunciar e acabar com o mal, reagir contra aquilo que não está de acordo com sua cultura ou anunciar o mundo desejado.

Palavras-chave: São João Maria. Santa Catarina. Divindade. Discurso.

Introdução

O presente texto apresenta resultados de uma pesquisa realizada na região central de Santa Catarina, entre 2002 e 2007, sobre os discursos contemporâneos a respeito de João Maria.² Para a pesquisa foram ouvidas mais de cem pessoas, residentes em catorze municípios de Santa Catarina, com origens étnicas, vínculos religiosos, condição econômica, profissões e idades diversas. Embora tenha outros reconhecimentos, trato aqui centralmente da ressignificação e legitimação³ de João

* Doutora em Antropologia Social pela Universidade Federal de Santa Catarina (2007). Professora da Universidade do estado de Santa Catarina. Disponível em: taniawelter@yahoo.com.br

¹ Este texto é uma versão modificada de um capítulo de meu trabalho de doutorado (Welter, 2007), intitulado "A construção de João Maria como divindade". Agradeço as contribuições da orientadora Maria Amélia Schmidt Dickie e da banca examinadora, composta por Carlos Alberto Steil, Artur Cesar Isaia, Oscar Calavia Sáez e Vania Zikán Cardoso.

Maria como divindade conforme critérios definidos pelos indivíduos participantes da pesquisa, denominados de “joaninos”,⁴ como características físicas e modo de vida, família, capacidades especiais, missão na terra e atribuída imortalidade.

Parto da noção de que todo discurso é uma ação humana significativa e possui referências ostensivas e não ostensivas.⁵ Aquilo que é explicitado pelos sujeitos é uma significação, não condiz mais com a situação inicial e, como significado revelado, se autonomiza e fica disponibilizado para outras leituras. Para Ricoeur, “há interpretação onde houver sentido múltiplo; e é na interpretação que a pluralidade dos sentidos torna-se manifesta”.⁶ Toda interpretação, no entanto, tem por base um reservatório de experiências prévias. Ricoeur⁷ considera que a ação comunicativa é articulada de acordo com normas, símbolos e signos próprios dos sujeitos, sem contar o não dito, como os preconceitos. Velho⁸ define isso como “pré-texto” (eu diria pré-discurso), ou “cultura profunda”, ou seja, as referências históricas e culturais que fundamentam a significação e interpretação dos sujeitos, definida aqui como cultura histórica.

Além de explicitar significados produzidos e interpretados, o discurso abre a possibilidade de produção de significados novos segundo interpretações novas, inseridas em situações novas, envolvendo novos interesses, sempre no sentido de refazer as leituras possíveis segundo a cultura na qual estão inseridos o discurso e seu interlocutor.⁹ Assim, os discursos, além de explicitarem um mundo,¹⁰ mediar a com-

preensão do ser-no-mundo ou compreensão de si, podem revelar um mundo desejado ou um poder-ser.

Vejo João Maria como “evento fundante”, em torno do qual gravitam “múltiplos sentidos”.¹¹

Perguntados sobre quem foi João Maria, é comum a resposta iniciar com “minha mãe conheceu João Maria” ou “meu avô foi batizado por João Maria”, ou seja, o conhecimento de João Maria ocorre a partir de pessoas próximas daquele que fala – os pais, avós, vizinhos, amigos ou compadres. São, portanto, falas legitimadas pela proximidade com quem teve contato com o santo. Falam de João Maria com base naquilo que conhecem e vivem, não com base em registros oficiais, mas falam para alguém e, em sua maioria, para outras pessoas além da pesquisadora. É no ambiente da interlocução, no presente, que produzem os significados relevantes atribuídos a João Maria. Há, portanto, de se considerar que a situação em que o discurso é produzido define também suas ênfases.

Além disso, embora muitos afirmem que os discursos são de João Maria, concretamente são atribuídos a ele pelos joaninos e, portanto, são sempre interpretações. A base do discurso é o conhecimento daquele que fala e, a partir daí, novas interpretações são formuladas. Além de servir para legitimar o mundo, as interpretações servem para legitimar o discurso tanto das pessoas envolvidas quanto da cultura histórica.

Alguns discursos colocam João Maria no passado ao usar verbos como andava, falava, comia ou benzia, ao passo que outros o colocam no presente (anda, fala,

benze). Dessa maneira, esses discursos elaboram sua continuidade histórica no mundo. Além disso, falar de João Maria no passado parece justificar, de certa forma, o fato de que quem está falando (no presente) não o conheceu pessoalmente.

O contato com João Maria é muito valorizado pelos joaninos, que o consideram como “uma bênção”. De todas as entrevistas e conversas informais que realizei durante a pesquisa de campo, apenas três pessoas afirmaram terem conhecido pessoalmente João Maria; mesmo assim, dizem que eram muito pequenos na época do encontro.

Os discursos referem-se aos encontros pessoais ocorridos durante a infância. Isso nos remete à compreensão frequente dos pesquisados de que crianças menores de sete anos são consideradas “anjos”, ou seja, portadores de uma pureza e isentas de pecados. Frequentemente, é com esses anjos que João Maria se comunica e se apresenta. Embora os discursos estejam sugerindo que as crianças, enquanto “anjos”, sejam dignas do contato pessoal com João Maria, considero mais provável que o contato tenha sido relatado com outra intenção, a de legitimar-se. Ter estado na presença de João Maria aparece nesses discursos como motivo de orgulho e de importância pessoal.

Características físicas e modo de vida de João Maria

Os discursos revelam o cuidado dos joaninos com os detalhes quando se referem a João Maria. Explicitam minuciosamente

suas características físicas, personalidade e modo de vida. Frequentemente, descrevem João Maria como um homem velho que peregrinou entre o povo, que era muito simples, sem luxos ou confortos e avesso a qualquer ostentação; que vestia roupas surradas, carregava o básico para sobreviver, utilizava barbas compridas, não aceitava pousar nas casas das pessoas, abrindo-se embaixo de árvores, em grutas ou numa barraquinha que carregava; que era vegetariano e seu alimento predileto, a couve; que estava sempre de passagem pelos lugares e raramente permanecia mais de três dias no mesmo local.

O uso de palavras no diminutivo, quando se referem a João Maria, é instigante: coisinha, foguinho, panelinha, pãozinho, comidinha, couvinha, feijãozinho, pracinha, tramadinha, altorzinho, bastãozinho, veinho, hominho, velhinho, barbudinho, barraquinha, frigideirinha, benzimentinho, cobertinha, cobertorzinho. Parece traduzir o afeto piedoso dos joaninos por João Maria.

A admiração e ênfase em sua simplicidade – um velho simples – revelam dois aspectos. O primeiro diz respeito à cultura desses sujeitos. É uma cultura hierárquica na qual o adulto e, mais significativamente, o velho devem ser respeitados pelos mais jovens por causa de sua idade, mas também por serem detentores da memória histórica. Aqui o grupo é mais importante que os indivíduos que o compõem.¹²

O segundo aspecto indica seu desapego a valores mundanos. Isso, somado à ênfase em sua opção por uma vida austera e dedicada a fazer penitência, eleva-o à

condição de puro e salvador. Essa caracterização aproxima-se muito daquela feita por Mourão¹³ acerca dos eventos registrados durante o movimento do Contestado.¹⁴ A autora afirma que o comportamento dos monges/profetas conhecidos como João Maria foi justificado pela missão que receberam, em sonho, de caminhar pelo mundo penitenciando-se e pregando aos homens valores ético-religiosos. Os monges, por sua vez, teriam afirmado que se afastaram dos “prazeres e riquezas do mundo” para fazer penitência pelos pecados de todos. A vida social presente surge como uma experiência de impureza, o que implica um rompimento da aliança com a divindade. O sacrifício seria uma forma de conseguir o perdão de Deus, de se reconciliar com ele e restabelecer a aliança. A penitência de João Maria pelo bem da humanidade, nesse caso, é exemplar¹⁵ de um ato de purificação e tentativa de reconciliação com Deus, o que faz de João Maria um salvador. Não é à toa que, sempre que possível, enfatizam sua bondade e piedade.

A afirmação a respeito de sua simplicidade, geralmente, vem acompanhada de uma autoidentificação: “Era simples, como nós”. A afirmação indica uma identidade, o “nós” (os simples e caridosos), que se contrapõe a “eles” (os não simples nem caridosos). A identidade é formalizada por meio de elementos positivos (valores cristãos) de pertencimento ao grupo e contrastada com os elementos negativos do outro.¹⁶ Os valores cristãos são os elementos demarcadores dessa identidade. O “simples”, como determinante do pertencimento ao “nós”, estaria relacionado a valores, como humildade, caridade, pureza e piedade.

O destaque para sua alimentação vegetariana reforça a caracterização como pessoa simples, mas também de proximidade com as condições vivenciadas pela maioria da população que se identifica com ele – que sobrevive com poucos recursos financeiros e sem possibilidade de comprar carne, por exemplo. Dessa maneira, reafirma seu pertencimento ao mesmo grupo:

Nossos pais, meu avô, contavam que São João Maria andava, velho, sabe, com calçado velho, roupa velha, tudo velho e bem simples, né. Ele veio bem simples, porque nossos pais e avôs contavam. Então a gente acredita que é assim que São João Maria anda.¹⁷

É frequente a afirmação de que João Maria era recebido de forma diferenciada por pobres ou ricos: “Então falaram: na casa pobre que ele chegava, ele era bem acolhido e, na casa rica que ele chegava, era maltratado. Mas ele salvou muito rico.”¹⁸

Também, nesse caso, a ênfase está na qualidade de quem se relaciona com João Maria. Ao afirmar que os ricos tratam mal João Maria, estão identificando o monge com aqueles que compõem o “nós”, ou seja, os simples, empobrecidos e, ainda assim, caridosos. Inspirados numa cultura bíblica, ressaltam também a positividade de comportamentos, como bondade, caridade e piedade (de João Maria e dos joaninos, mesmo pobres), em detrimento da avareza, injustiça e egoísmo, que, no seu entendimento, devem ser punidos.

Os discursos aqui reunidos retratam: 1) João Maria como parte da cultura histórica dos joaninos; 2) sua caracterização como homem simples, desprezado, humil-

de, piedoso, caridoso e religioso; portanto, ligado a valores básicos do cristianismo; 3) que era solidário, preocupava-se com humanos, animais e plantas; 4) que não desejava o mal, cumpria sua palavra, era honesto e justo e não era político. Essas características justificam por que João Maria, síntese de diversos monges e peregrinos, não pode ser identificado com o movimento do Contestado. Essas qualidades estão na base da construção de sua santidade.

Família de João Maria

Grande parte dos discursos ressalta que João Maria vivia e andava só, que não teve mulher, irmãos ou filhos. Isso é considerado como uma forma de sofrimento pessoal, aspecto importante em sua caracterização como entidade venerável. Há outros que afirmam que ele teve irmãos (frei Manuel, José Maria) e irmãs (Nossa Senhora dos Prazeres e Nossa Senhora do Patrocínio), com quem tinha uma relação de cumplicidade e solidariedade.

As irmãs de João Maria aparecem nos discursos também numa condição de consagração: são santas, tendo, inclusive, sido escolhidas como padroeiras – Nossa Senhora dos Prazeres (padroeira de Lages) e Nossa Senhora do Patrocínio (padroeira de Campo Belo do Sul).

Além de irmãs, alguns joaninos afirmam que João Maria tinha dois irmãos: José Maria e frei Manuel. O primeiro, identificado como José Maria, está relacionado ao peregrino que teria aparecido na região do Contestado. Sobre o outro irmão,

frei Manuel, não tenho maiores informações, a não ser que era frei, ou seja, um distinto membro de ordem religiosa. Contudo, o significativo aqui é a inserção do João Maria peregrino, solitário e, portanto, sofredor numa família (pertencimento a um mundo hierarquizado) de santos, num panteão sagrado.

Capacidades especiais

A construção de João Maria como divindade passa pelo reconhecimento de sua ambivalência, mas também de suas capacidades especiais, consideradas extraordinárias e fornecidas como “dom divino”. Os joaninos afirmam que João Maria tem capacidade de levitar ou de se locomover sobre as águas; de mudar sua forma (aparecer com outra forma humana ou como animal); de promover alterações, como fazer brotar a água, multiplicar o alimento, transportar pessoas e fazer coisas impossíveis a um humano normal. Além disso, fazem inúmeros e detalhados relatos ressaltando como sua vida de peregrino possuía proteção divina, tornando-o inatingível mesmo diante de tempestades violentas.

Junto com o destaque para a proteção divina, que garante a capacidade de inatingibilidade de João Maria, os joaninos afirmam sua capacidade divinatória, embora tenha aparência humana. Aqui há uma demonstração clara de sua ambivalência, mas também da crença em sua imortalidade ou “não morte”. A possibilidade de fazer um paralelo com a figura de Jesus Cristo vai se configurando aos poucos.

Detentor de tal capacidade, poderia decidir ficar invisível, aparecer apenas para pessoas que escolhesse ou nos lugares mais improváveis e, até, estar em dois lugares diferentes ao mesmo tempo. Sua caracterização como onipresente aparece aqui relacionada ao comportamento dos humanos – apenas a pessoa digna o enxerga. Assim, além de enfatizar a capacidade divinatória de João Maria, ressalta o comportamento humano idealizado, que é premiado com o fato de poder enxergá-lo.

Outros atestam que ele tinha a capacidade de aparecer com formas diferentes – com outra forma humana, outro sexo, idade ou até forma animal. A alteração na forma (humana ou animal) aparece justificada na quantidade excessiva de orgulho entre os humanos. Apresentando-se incógnito. João Maria poderia identificar os humanos, colocá-los à prova para ver como reagem e, posteriormente, punir ou premiar sua atitude piedosa ou egoísta.

Alguns joaninos enfatizam que João Maria não gostava de ser fotografado e que tinha a capacidade de não aparecer na fotografia impressa, quando não concordava com ela.¹⁹ Outros afirmam que tinha a capacidade de prever acontecimentos, conforme tratei em outro lugar²⁰ e aqui destaco para reunir as diversas capacidades de João Maria, explicitadas pelos joaninos, denominadas como “especiais” e que o caracterizam como divindade.

Alguns ressaltam sua capacidade de fazer coisas impossíveis para um humano, como atravessar um rio sobre as águas ou erguer sozinho um porco de oitenta quilos. Novamente aqui se vê o poder divino

sendo exercido por um humano, João Maria. É recorrente a afirmação de que João Maria tinha o poder de fazer brotar uma água que “nunca seca”. Essa água, frequentemente denominada de “água santa”, possui também qualidades especiais, segundo os joaninos: é pura, não se deteriora com o tempo, promove cura, denota algo verdadeiro.

Os aspectos relacionados a essa água somam-se às outras capacidades extraordinárias de João Maria e que atestam sua divindade. É ele que faz brotar a água, que é viva e se mantém assim, apesar de ter sido retirada de seu lugar natural. A água, assim manipulada, está imbuída do poder de João Maria e o transmite em rituais de batismo, procedimentos de cura, rituais de proteção da casa e dos ambientes e também de fertilização da terra.

Alguns afirmam que João Maria tinha a capacidade de saber tudo o que acontece no mundo (poder da onisciência), embora não saibam explicar como ele simplesmente “sabe tudo”. Esta capacidade está relacionada a outra, a de que João Maria conhece as pessoas mesmo antes de as encontrar. Alguns afirmam que ele só falava ou entrava nas casas que escolhia, ou seja, era ele quem decidia sobre o encontro, local, pessoa ou situação. Na visão dos joaninos, quando João Maria escolhia alguém para visitar, era porque aprovava seu comportamento. Com base nesse entendimento, os joaninos sentiam-se reconhecidos em sua ética quando João Maria falava ou entrava em suas casas. O fato, portanto, de referir-se a um contato pessoal, mesmo quando criança, ou à visita de

João Maria a sua casa ou à casa de seus parentes, é bastante significativo e auto-afirmativo.

Os discursos explicitam a admiração dos joaninos pela capacidade de onisciência do profeta, a qual lhe permite saber o que se passa com as pessoas mesmo sem ter contato com elas: sabe a respeito de seus desejos mais íntimos ou pensamentos impuros, valoriza os “bons” comportamentos e critica os “maus”. Além de “conhecer o coração das pessoas”, João Maria teria a capacidade de promover alterações na vida das pessoas para premiá-las, no caso daquelas que têm bons sentimentos e atitudes, ou puni-las, quando não os têm. É sua capacidade extraordinária, associada ao divino, que lhe possibilita definir quem deve ser punido e quem deve ser premiado.

Nos discursos fica evidenciado que é a postura das pessoas que define seu futuro na terra. Se João Maria for bem aceito e cuidado pelas pessoas, portanto reconhecendo sua santidade, elas serão recompensadas; se, entretanto, a postura das pessoas for de desdém ou maldade, algo ruim pode lhes ocorrer. Definem assim o poder de João Maria de proteger ou destruir, afirmando os princípios religiosos e éticos que equiparam João Maria ao salvador.

Alguns discursos reforçam em João Maria a capacidade para punir aquelas pessoas que não tinham uma postura solidária e respeitosa diante dele²¹ e de seus símbolos, como a cruz de cedro. Nos diversos casos narrados as pessoas desrespeitosas foram punidas: a casa caiu, o sujeito sofreu lesões graves no corpo ou morreu de forma trágica. Foram inúmeros os casos relata-

dos em campo em que João Maria colocou as pessoas “à prova”. Quando não responderam de forma favorável, foram punidas severamente. Constata-se também, entre os joaninos, muito medo de uma possível punição efetivada por João Maria.

Diferentemente da teologia cristã, na qual há uma separação nítida entre “este mundo” e o “outro mundo” – céu ou inferno, local de salvação ou de sofrimento eterno –, João Maria, como divindade legitimada, sugere que, no mundo dos joaninos não há essa separação. Embora reconheçam esses espaços, o mundo habitado por João Maria é configurado apenas como aqui (“neste mundo”) – lugar para viver, mas também para ser punido ou salvo. Quem está capacitado para efetivar a punição ou a salvação é João Maria, na medida em que é reconhecido como portador de capacidades especiais, dons e poderes, além de legitimado como enviado de Deus na terra. O poder de punição ou premiação dado a João Maria também o aproxima de Jesus Cristo.

Os elementos que elevam João Maria à condição de divindade (salvador) estão relacionados à sua condição de pessoa simples e despojada, a uma opção por uma vida peregrina e desapegada dos valores mundanos, à sua disponibilidade para ensinar e penitenciar-se pelos pecados humanos, ao seu conhecimento dos procedimentos de cura, à disponibilidade para realizar batizados, ensinar o povo e promover a salvação terrena. Esses elementos são somados às suas capacidades especiais, como onipresença, onisciência, onipotência, invisibilidade, inatingibilidade, transmutação,

longevidade, imortalidade e ambivalência. Com todas essas capacidades e afirmações como “João Maria tem o mesmo poder de Deus”,²² é possível depreender que, para os joaninos, João Maria estaria próximo daquilo que caracteriza Deus, o “senhor do Universo” para os cristãos. No entanto, diferentemente de Deus, João Maria é caracterizado também como humano – um senhor velho e simples –, porém com grande sabedoria e senso de justiça, uma ambivalência que o aproxima mais de Jesus Cristo do que de Deus.

Com base em outros elementos e na historiografia, um informante de Curitiba nos caracterizou João Maria como “Deus concreto”, do que denominou de “Religião Santa”.²³ Essa religião seria composta de práticas ritualísticas, cantos, orações, oriundas do povo, com características regionais e administração laica. Na interpretação deste, é durante a Guerra do Contestado (início do século XX) que começa o processo de divinização de João Maria, escolhido para ser o “Deus do caboclo”. Isso ocorreu especialmente como resposta aos padres franciscanos, “que não foram bem vindos aqui para o sertanejo na época”, falavam uma língua estranha e faziam exigências aos sertanejos, mas também para se opor à Igreja Católica.

Esse informante relata que as pessoas teriam negado aquele Deus sobrenatural, que não conheciam, e escolheram João Maria como Deus, porque morava com eles, viram-no e tocaram sua mão, era um ser concreto. A “Religião Santa” teria surgido assim e, apesar de se assemelhar muito com o catolicismo rústico vivenciado

no período anterior à Guerra do Contestado, diferencia-se deste pela substituição do “Deus sobrenatural, até abstrato,” pelo “Deus concreto, o Deus do oco das imbuías, o Deus dos caboclos, São João Maria”.²⁴

Para exemplificar a contemporaneidade dessa forma religiosa, o mesmo informante explicita práticas utilizadas na região ainda hoje, nas quais João Maria aparece como divindade máxima. O que esse entrevistado está querendo reforçar? Primeiramente, reforça a ideia, amplamente difundida na literatura, de que João Maria foi apropriado, significado e difundido apenas por caboclos a partir da Guerra do Contestado. Reforça também a legitimidade de João Maria entre esses sujeitos, a ponto de ser visto como Deus e, da parte de João Maria, de identificação e proximidade com os humanos. Busca ressaltar também a atuação dos sujeitos no processo ao negar o saber católico dos padres; negar um Deus abstrato; optar por um deus concreto, que possui capacidades especiais e está intimamente ligado à sua cultura histórica; criar uma religião própria a partir dessa escolha; escolher e coordenar a ritualística dessa religião.

Embora não se referencie à substituição de Deus por João Maria, Valentini²⁵ observa que, durante a Guerra do Contestado, catolicismo rústico e religião católica foram substituídos pela “Santa Religião”. A referência mais antiga a esse aspecto, no entanto, vem de Queiroz²⁶ ao afirmar que a “Santa Religião” surgiu no período do Contestado e diferencia-se qualitativamente do catolicismo romano, mas também da “religião rústica”. O autor afirma que, “de um

certo momento em diante, percebe-se que Deus, para os sertanejos em armas, não é mais Jesus Cristo [...]. Abandonaram o Deus dos grandes fazendeiros e passaram a tomar por verdadeiro Deus um homem que em vida tinha sido, tal como a maioria deles, caboclo pobre”.²⁷ Esse homem, no entanto, seria José Maria, não João Maria. Na análise do informante de Curitiba, todavia, João Maria seria o personagem síntese e, portanto, o divinizado.

Embora identifiquem João Maria como salvador (o penitente pelo bem da humanidade), os joaninos atribuem a Jesus um papel maior como salvador, ainda que de forma um tanto difusa.

Missão na terra

João Maria era um profeta que falava por Deus, guiava por Deus e curava por Deus. (M. M., Balneário Camboriú).

Os joaninos ressaltam, frequentemente, que João Maria foi enviado por Deus para ensinar a religião às pessoas, ensinar o bem, anunciar a palavra de Deus; também para ajudar as pessoas a encontrar a paz e ter menos pecados, ou seja, para os informantes, João Maria é reconhecido como anunciador e educador, mas pode se apresentar também como mediador humano na busca da salvação. Nas palavras de um informante de São José Cerrito,

(João Maria) Dava bons conselhos. Diz que lia a Bíblia e explicava para o povo e que muitas pessoas foram batizadas quando São João Maria passou por aqui. Eu, para mim, ele era um profeta, uma pessoa iluminada, tinha uma ilumina-

ção divina, como foi João Batista, muitos profetas da Bíblia e que por muito tempo ele foi ignorado pela Igreja e que agora tá sendo reconhecido. Os ensinamentos dele ficaram até hoje, passando de geração em geração. Com certeza muita coisa se perdeu, mas, quem sabe?, com os resgates destas pesquisas vão ficar nos livros, né? Acho que vai se resgatar muitas coisas ainda.²⁸

Embora tenha tido problemas para ser compreendido, alguns joaninos afirmam que a mensagem de João Maria foi “ouvida” e surtiu grande efeito em suas vidas. Às vezes, ele próprio explicita sua missão na Terra. Nesses momentos, enfatiza sua atuação como mediador e intercessor entre os joaninos e Deus, como afirma uma mulher de José Boiteux:

Ele (João Maria) disse: “Eu não tenho distância, eu tô andando, eu tô visitando o mundo. Este mundo tá começando a agir tarde. Eu tô visitando o povo de Deus”. Ele disse pra ela (sua mãe): “Depois que eu visitar todo povo e explicar para eles que vai chegar um tempo que a guerra mundial vai dar, mas vai dar com o mesmo gênio do índio, vai dar com o índio a primeira guerra. Vai ser começado pelo índio. Vai dar muitas ameaças de guerra, vai dar muito tremor de terra, mas daí é o início”.²⁹

O discurso, embora centrado na questão de que João Maria era um enviado de Deus, inclui uma série de outros elementos, que necessitam de outras informações para serem compreendidos. Essa senhora é evangélica, o que pode explicar sua ênfase nas profecias de João Maria, pois a perspectiva milenarista está muito presente na doutrina da sua religião. Um aspecto curioso dessas profecias, no entanto,

é a informação de que a Primeira Guerra Mundial viria “com o mesmo gênio dos índios”. Esta senhora viveu numa aldeia indígena e possui uma visão de que os índios possuem gênio ruim, são violentos. Assim, concluiu que essa senhora objetivava afirmar que essa guerra seria palco para muita violência entre as pessoas. Além disso, enfatizou a função de anunciador quando afirmou que João Maria estava visitando o povo para ensinar, alertar sobre os perigos, sugerir que se preparassem para o fim dos tempos, momento em que apenas os justos e bons seriam salvos.

Em outros casos, o discurso atribuído a João Maria refere-se a aspectos mais concretos, embora com forte conteúdo moral, os quais são seguidos até por intelectuais locais que oferecem teorizações sobre João Maria. É comum ouvir a expressão: “Não fale (ou faça) isto, João Maria disse que não presta”. Um homem de Curitiba denominou essas referências como “etiqueta de São João Maria”:

Eu me lembro. “Deus o livre de deixar um pedacinho de pão cair no chão, ou pisar em cima, pelo amor de Deus.” Mas tudo dito pelo São João Maria. “São João Maria não quer que diga isso, não quer que fale aquilo, São João Maria não quer que diga palavra.” Eu me criei ouvindo isto.³⁰

Antunes Sênior³¹ descreve um encontro que teve com João Maria no ano de 1993 em sua propriedade, em Capão Alto - SC. Era noite, mas o autor não teve dúvida: “Era o Profeta João Maria de Agostinho.” Nesse momento, João Maria teria feito uma avaliação crítica da postura dos homens em sua relação com a natureza;

condenou a poluição, uso de defensivos agrícolas, alimentos importados, uso de equipamentos mecanizados na agricultura, uso de anabolizantes em animais, abandono do campo, vícios, luxo, violência, confortos urbanos e outros; elogiou o uso de produtos naturais, cuidado com a natureza, exercício da religiosidade e da abnegação. No final do encontro, pediu ao autor que expressasse suas ideias ao mundo em forma de livro, “sem temer críticas mordazes ou acusações de falsidade”, distribuir gratuitamente a obra “aos homens que forem ou sejam de boa vontade”, e completou: “Há muito o que fazer pela gente desvalida desta região campesina.”³²

Outros joaninos também sugerem que João Maria teria especial cuidado com a natureza: plantas, matas, animais. Felipe³³ recolheu diversos registros de supostos discursos de João Maria entre populações catarinenses sobre a natureza e apresentou-os como “Mandamentos das Leis da Natureza”. Esses discursos, mesmo tratando da questão da natureza ou dos animais, parecem estar a serviço do reforço dos valores sociais e cristãos, fundamentais no mundo joanino, como respeito à natureza, dicotomia entre bem/Deus x mal/diabo (denominado muitas vezes de “tinioso”), respeito aos valores hierárquicos e cristãos, como solidariedade, bondade, caridade, piedade, que estão em oposição a outros, como individualismo e egoísmo.

Apesar de se referirem a relacionamentos sociais, muitos discursos criticam as alterações dos comportamentos a partir da entrada de valores capitalistas e individualistas, simbolizados na metáfora da

“ambição do dinheiro”. Também colocam a ênfase na postura ideal, coincidentemente a sua e de poucas pessoas da comunidade.

Os princípios éticos e religiosos, supostamente advindos de João Maria, são aqui evidenciados. Dada a sua importância na vida das pessoas, esses discursos contêm mais legitimidade e produzem maior eficácia, especialmente sobre gerações mais jovens, do que discursos institucionais, bíblicos ou particulares; possuem temporalidade, remetendo ao mesmo tempo ao passado e ao futuro; falam de valores próprios dos grupos; transmitem os novos significados e reavivam a memória, construindo a legitimidade dos valores expressos.

João Maria está vivo

São João Maria, na memória do povo, não morreu!

Continua mais vivo do que nunca!

(A. R. R., São José do Cerrito)

Quando perguntado sobre a atual situação de João Maria, a maioria dos joaninos afirma que, como homem santo e enviado de Deus, este teria adquirido sua condição de imortalidade, de não morte. A partir dessa ideia, buscam argumentos para demonstrar como João Maria não morreu, continua vivo e, diante da insistência, afirmam que está “encantado” no meio do povo.

Grande parte afirma que ele está “encantado” no Morro do Taió (município de Santa Terezinha - SC), mas que só aparece “para quem tem fé”.³⁴ Ao afirmarem isso, os joaninos enfatizam sua capacidade de invisibilidade, imortalidade e sensibilidade para conhecer os humanos, mas tam-

bém põem à prova a fé do interlocutor. Alguns afirmam que ele próprio avisou onde seria sua última morada na terra.

O discurso a seguir apresenta uma justificativa para o afastamento de João Maria do mundo dos homens – o pecado humano:

Eles falam que ele mora em Taió. Mas eu acho que não. Eu, para mim, ele tá concentrado num lugar que Deus colocou ele, porque ele é um profeta de Deus. Ele vem como um santo, né? Ele sabe tudo o que vai acontecer no mundo todo, ele sabe tudo. Então, para mim, ele é um santo de Deus, mas ele é um profeta, porque ele caminhou pelo mundo inteiro. Só que quando o pecado foi carregando demais, ele se afastou. Por causa do pecado, ele se afastou. Ele vai voltar só para buscar a irmã dele. Daí, tá no sinal.³⁵

Muitos demonstram o desejo de sua volta ou de uma nova aparição, especialmente aqueles que creem em sua imortalidade. A ansiedade é um dos sentimentos explicitados nessa espera, especialmente porque não sabem exatamente a forma que ele vai tomar, podendo ser de um velho, de um cachorro ou de uma pesquisadora. Por estarem sempre à espera de um sinal de João Maria e diante de meu interesse em saber a seu respeito, fui identificada, inicialmente, como uma enviada ou como manifestação do próprio, em formato feminino. Registrei essa ocorrência durante o trabalho de campo:

Quando chegamos, uma se apressou e perguntou, antes que disséssemos qualquer coisa, “você é a enviada de São João Maria, ou veio anunciar sua volta?” Levei um susto e neguei. Ela completou: “Não, porque São João Maria disse que ele ia mandar alguém para anunciar e ficamos pensando que podia ser a senhora.”³⁶

Em outro momento, mais um registro:

Sigo meu instinto de ir embora porque era o horário de fazer almoço e antes de sair da casa de Dona I. Presencio uma conversa entre esta e Dona F. a meu respeito. Dona F. afirma: “Ela parece ser a enviada de São João Maria.” Escuto e acho muita graça. Ela olha para mim e completa afirmando que João Maria avisou que ia enviar pessoas para falar em seu nome no futuro, pessoas que iam passar de casa em casa. Ela pára um pouco, pensa e conclui em voz alta: “Sim, é ela mesmo, é a enviada de São João Maria.”³⁷

Com isso se completa o círculo em torno da ideia de que João Maria é percebido como uma entidade ambivalente (humana e não humana ao mesmo tempo) e imortal. Ao afirmar que ele não pode ter morrido porque é “um santo homem” ou “profeta de Deus”, estão reforçando a noção de que João Maria é uma entidade com potencialidades semelhantes às de Jesus Cristo e Deus, ou, como sugere Mourão,³⁸ um homem que alcançou a perfeição da condição humana, afastou-se dos males, purificou-se e conquistou definitivamente a vida. Nessa conquista, dizem os devotos, incorporou todas as qualidades dos seres sagrados, como a capacidade de onisciência, onipotência, onipresença, invisibilidade, inatingibilidade, longevidade ou imortalidade; capacidade de mudar de forma, ficar invisível, levitar ou locomover-se sobre as águas; de modificar o estado das coisas e interferir na vida das pessoas; de conhecer “o coração dos homens”; de punir pecadores, limpar aquilo que está sujo ou tornar sagrado aquilo que toca.

Esses elementos confirmam sua caracterização como divindade, embora indiquem outras atribuições humanas, como benzedor, milagreiro, educador, sacerdote, apóstolo enviado de Deus para trazer a vitória do bem contra o mal, ou para corrigir a imperfeição do mundo, salvando os homens pelas suas penitências e permitindo o advento do paraíso terrestre. O que Mourão³⁹ caracterizou como atitude dos seguidores de José Maria à época da Guerra Santa ainda se encontra hoje entre os joaninos. Nem todos estiveram envolvidos na guerra, mas João Maria cruzou as fronteiras do episódio histórico, tornando-se personagem viva da história dos sujeitos pesquisados e parte integrante da dinâmica de seu cotidiano.

Comparando os discursos dos joaninos a respeito de João Maria e de Jesus Cristo, foi possível constatar que ambos são vistos como ambivalentes na condição simultânea de homem/deus: tiveram uma trajetória difícil, possuem conhecimento religioso profundo e sensibilidade para “conhecer o coração das pessoas”. Embora seja esta uma posição bastante elevada, esta proximidade levou um joanino a afirmar:

Se Jesus Cristo voltasse, viria na forma de São João Maria, uma pessoa velhinha, que vai fazer visita nas casas, vai ser bem assim como um andante. Quando eu penso, vêm na minha mente esses velhos, eu penso que a gente deve receber eles com muito carinho. As pessoas, às vezes, desprezam e, quando vê, é aquela pessoa que tá chegando.⁴⁰

Ainda que nem todos os entrevistados tenham sugerido a mesma coisa, o que

é significativo neste discurso é o reconhecimento de que Jesus e João Maria podem vir a ser um, reforçando a identidade divina de João Maria. Se em outras falas João Maria era equiparado com Deus em seus atributos e a Jesus por seus ensinamentos, nesta é indicado como a própria possibilidade de encarnação de Deus.

Considerações finais

Os discursos dos joaninos a respeito de João Maria foram percebidos como ações significativas, formulados a partir de referências próprias do sujeito e da interlocução. Os discursos são sempre interpretações, embora muitas vezes afirmem estar reproduzindo o discurso “original” e sirvam como mecanismos de legitimação desses discursos e, conseqüentemente, de João Maria. A base do discurso é o conhecimento familiar daquele que o exprime, mas a partir daí novas interpretações são formuladas. Ao apropriá-los, os sujeitos transformam os discursos legitimados em mecanismos de legitimação dos seus próprios discursos. Assim, ao mesmo tempo em que legitimam os “discursos de João Maria”, são legitimados por eles. Frequentemente, os discursos se autonomizam das referências ostensivas e tornam-se disponíveis para novas interpretações.

De uma forma ampla, João Maria foi percebido pelos joaninos como um sujeito simples, despojado e desapegado de valores “mundanos”. Vivia só, embora possuísse irmãos e irmãs. Era detentor de muitas capacidades especiais, mas, marcadamente, era visto como próximo e comprometi-

do com os sujeitos, especialmente os mais empobrecidos. Além disso, os discursos evidenciam outras características de João Maria em sua trajetória na Terra, como capacidade de onisciência, onipotência, onipresença, invisibilidade, inatingibilidade, longevidade ou imortalidade, ou seja, João Maria possuía capacidade de mudar de forma, ficar invisível, levitar ou locomover-se sobre as águas, modificar o estado das coisas e interferir na vida das pessoas. Essas capacidades teriam sido possibilitadas especialmente por sua condição de enviado de Deus na Terra, pois somente esta posição o habilitaria a premiar os puros e justos e punir os injustos, avarentos e egoístas. Os joaninos indicam outras capacidades em João Maria que o aproximam da posição de benzedor, milagreiro, guia, profeta, apóstolo, divindade, embora se diferenciasse dele por sua característica humana.

Sua ambivalência o aproximou da condição de outro enviado de Deus na Terra, Jesus Cristo. Comparando os discursos dos joaninos a respeito de João Maria e de Jesus Cristo, foi possível constatar que ambos são vistos como humanos e não humanos ao mesmo tempo; tiveram uma trajetória difícil; possuem conhecimento religioso profundo e sensibilidade para “conhecer o coração das pessoas”. Sua condição de penitente pelo bem da humanidade o habilitou a assumir a condição de salvador, equivalente a Jesus Cristo, e, dessa maneira, atingir a multivalência.

The resignification of Saint João Maria's divinity in contemporary discourses

Abstract

This study analyses the contemporary discourses on the divinity of the Prophet Saint Joao Maria in the state of Santa Catarina. Supported by the notion of discourse as significant human action (Ricoeur), I defend that the discourses on Saint Joao Maria are resignified by the joaninos based on their historical culture, they have temporality, express something and are made available for other readings and interpretations. The joaninos legitimate Saint Joao Maria's divinity based on criteria such as physical characteristics, way of life, family, special abilities, mission on earth and attributed immortality. Thus, for the joaninos, Joao Maria becomes suitable in the interpretation of the world, in controlling the indetermination of the world, to announce and cease evil, to react against what goes against their culture or to announce the desired world.

Key words: Saint João Maria. State of Santa Catarina (Brazil). Divinity. Discourse.

Notas

² A literatura afirma, recorrentemente, que João Maria era italiano e teria chegado ao Brasil em 1844, circulando especialmente pelo Caminho das Tropas (entre São Paulo e a fronteira dos países sul-americanos, como Paraguai, Argentina e Uruguai), sendo reconhecido como o peregrino, monge, anacoreta, curador e profeta.

- ³ O reconhecimento é o aspecto central da legitimidade, segundo Weber (2000 e 2002). Algo só é legítimo enquanto encontra reconhecimento por parte de alguém. WEBER, Max. *Conceitos básicos de sociologia*. São Paulo: Centauro, 2002; WEBER, Max. *Sociologia da religião*. In: *Economia e sociedade*. 3. ed. Brasília: UnB, 2000.
- ⁴ Diante de uma série de dificuldades, optei por chamar de “joaninos” os indivíduos participantes da pesquisa que reconhecem João Maria na contemporaneidade com base em referenciais culturais, históricos, religiosos, políticos, turísticos, comerciais, ou outros.
- ⁵ RICOEUR, Paul. *Hermeneutics and the human sciences – essays on language, action and interpretation*. Cambridge/Paris: Cambridge University Press/Editions de la Maison des Sciences de l’Homme, 1990.
- ⁶ Interpretação “é o trabalho de pensamento que consiste em decifrar o sentido oculto no sentido aparente, em desdobrar os níveis de significação implicados na significação literal. Guardo, assim, a referência inicial à exegese, isto é, à interpretação dos sentidos ocultos. Símbolo e interpretação tornam-se, assim, conceitos correlativos”. RICOEUR, Paul. *O conflito de interpretações*. Rio de Janeiro: Imago, 1978. p. 15.
- ⁷ RICOEUR, Paul. *From text to action – essays in hermeneutics*. Londres: The Athlone Press, 1991.
- ⁸ VELHO, Otávio. *Besta-fera – recriação do mundo*. Rio de Janeiro: Relume-Dumara, 1995.
- ⁹ GEERTZ, Clifford. *Interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- ¹⁰ A noção de mundo foi inspirada na “coisa do texto” de Gadamer e elaborada por Ricoeur (1977, 1990, 1991) para instrumentalizar, primeiramente, o processo interpretativo de obras literárias. Mundo, neste caso, seria a totalidade de referências não situacionais, não ostensivas, abertas pelos discursos, objetivadas pela função hermenêutica do distanciamento e que são oferecidas para possíveis leituras.
- ¹¹ RICOEUR, Paul. *O conflito de interpretações*. Rio de Janeiro: Imago, 1978. p. 41.
- ¹² DUMONT, Louis. *Homo Hierarchicus – o sistema das castas e suas implicações*. São Paulo: Edusp, 1992. DA MATTA, Roberto. *Você sabe com quem está falando? Um ensaio sobre a distinção entre indivíduo e pessoa no Brasil*. In: *Carnavais malandros e heróis – para uma sociologia do dilema brasileiro*. 5. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1990.

- ¹³ MOURÃO, Laís. Contestado: a gestação social do messias. *Cadernos Ceru*, São Paulo: Humanitas FFLCH/USP, n. 7, 1975.
- ¹⁴ Movimento envolvendo diversos aspectos sociais, econômicos e religiosos e que culminou na Guerra do Contestado, evento que ocorreu entre 1912 e 1916 na região disputada por Paraná e Santa Catarina e envolveu cerca de vinte mil pessoas. QUEIROZ, Maurício V. *Messianismo e conflito social - a guerra sertaneja do Contestado 1912-1916*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1977. MARTINS, Pedro. *Anjos de cara suja*. Petrópolis: Vozes, 1995.
- ¹⁵ No sentido empregado por Weber (2000), ou seja, como um homem que, por seu próprio exemplo, mostra aos outros o caminho para a salvação. Op. cit.
- ¹⁶ Parto da noção de identidade como construída de forma contrastiva (nós e outros) a partir de Oliveira (1976), embora considere, como Barth (1998), que a fronteira entre os dois grupos é um elemento instigador da dinâmica própria do processo de construção, manutenção e transformação da identidade. OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. *Identidade, etnia e estrutura social*. São Paulo: Pioneira, 1976. BARTH, Fredrick. Grupos étnicos e suas fronteiras. In: POUTIGNAT, P.; STREIFF-FENART, J. *Teorias da etnicidade*. São Paulo: EdUnesp, 1998.
- ¹⁷ T. M., 57 anos.
- ¹⁸ J. A., 52 anos.
- ¹⁹ É o que afirma Waldrigues (1985). WALDRIGUES, Augusto. *História do monge João Maria*. Curitiba: [s.e.], 1985.
- ²⁰ WELTER, Tânia. *O profeta São João Maria continua encantando no meio do povo - um estudo sobre os discursos contemporâneos a respeito de João Maria em Santa Catarina*. Tese (Doutorado) - UFSC, Florianópolis, 2007.
- ²¹ Felipe (1995) recuperou uma história sobre o poder punitivo de João Maria: “Contam que um dia ao cruzar pelo arraial de Guarapuava, chegou numa casa e pediu à proprietária um punhadinho de erva-mate para fazer seu chimarrão. A dona, pensando tratar-se de um pedinte qualquer, negou-lhe o mate. No dia seguinte, toda sua erva amanheceu em cinzas” (p. 20). FELIPPE, Euclides J. *O último jagunço - folclore na história do Contestado*. Curitiba: UnC, 1995.
- ²² A. P., Taquaruçu/Fraiburgo.
- ²³ Além de profundo admirador de João Maria, este informante teve acesso à bibliografia sobre a Guerra do Contestado e se inspira particularmente em Queiroz (1977).
- ²⁴ E. P., 52 anos.
- ²⁵ VALENTINI, Delmir J. *Da cidade santa à corte celeste: memórias de sertanejos e a Guerra do Contestado*. 3. ed. Caçador: UnC, 2003.
- ²⁶ Op. cit.
- ²⁷ Op. cit., p. 260-261.
- ²⁸ A. R. R., 54 anos.
- ²⁹ J. A., 52 anos.
- ³⁰ E. P., 52 anos.
- ³¹ ANTUNES SÊNIOR, Wilson V. *O pequeno príncipe negro*. Lages: Ed. Autor, 1995. p. 13.
- ³² Op. cit., p. 17.
- ³³ Op. cit.
- ³⁴ Fui desafiada a ir ao Morro do Taió e depois voltar para contar se o havia visto. Esse desafio pareceu uma espécie de teste para confirmar minha crença em São João Maria. Alguns entrevistados criaram certa expectativa de que eu pudesse encontrá-lo. Recebi, inclusive, uma carta durante a realização do doutorado sanduíche em Portugal (janeiro de 2006), perguntando-me se havia encontrado João Maria.
- ³⁵ F. C. F. A., 67 anos.
- ³⁶ Diário de campo, 12 de abril de 2005.
- ³⁷ Diário de campo, 31 de maio de 2005.
- ³⁸ Op. cit.
- ³⁹ Op. cit.
- ⁴⁰ S. L. R., 65 anos.

Referências

- ANTUNES SÊNIOR, Wilson V. *O pequeno príncipe negro*. Lages: Ed. Autor, 1995.
- BARTH, Fredrick. Grupos étnicos e suas fronteiras. In: POUTIGNAT, P.; STREIFF-FENART, J. *Teorias da etnicidade*. São Paulo: EdUnesp, 1998.
- DA MATTA, Roberto. *Você sabe com quem está falando?* Um ensaio sobre a distinção entre indivíduo e pessoa no Brasil. In: Carnavais malandros e heróis – para uma sociologia do dilema brasileiro. 5. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1990.
- DUMONT, Louis. *Homo Hierarchicus - o sistema das castas e suas implicações*. São Paulo: Edusp, 1992.

- FELIPPE, Euclides J. *O último jagunço* – folclore na história do Contestado. Curitiba: UnC, 1995.
- GEERTZ, Clifford. *Interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- MARTINS, Pedro. *Anjos de cara suja*. Petrópolis: Vozes, 1995.
- MOURÃO, Laís. Contestado: a gestação social do messias. *Cadernos Ceru*, São Paulo: Humanitas FFLCH/USP, n. 7, 1975.
- OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. *Identidade, etnia e estrutura social*. São Paulo: Pioneira, 1976.
- QUEIROZ, Maurício V. *Messianismo e conflito social* - a guerra sertaneja do Contestado 1912-1916. 2. ed. São Paulo: Ática, 1977.
- RICOEUR, Paul. *Interpretação e ideologia*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.
- _____. *O conflito de interpretações*. Rio de Janeiro: Imago, 1978.
- _____. *Hermeneutics and the human sciences* – essays on language, action and interpretation. Cambridge/Paris: Cambridge University Press/Éditions de la Maison des Sciences de l'Homme, 1990.
- _____. *From text to action* – Essays in hermeneutics. Londres: The Athlone Press, 1991.
- VALENTINI, Delmir J. *Da cidade santa à corte celeste: memórias de sertanejos e a Guerra do Contestado*. 3. ed. Caçador: UnC, 2003
- VELHO, Otávio. *Besta-fera* – recriação do mundo. Rio de Janeiro: Relume-Dumara, 1995.
- WALDRIGUES, Augusto. *História do monge João Maria*. Curitiba: [s. e.], 1985.
- WEBER, Max. *Conceitos básicos de sociologia*. São Paulo: Centauro, 2002.
- _____. Sociologia da religião. In: *Economia e sociedade*. 3. ed. Brasília: UnB, 2000. v. 1
- WELTER, Tânia. *O profeta São João Maria continua encantando no meio do povo*. Um estudo sobre os discursos contemporâneos a respeito de João Maria em Santa Catarina. Tese (Doutorado) - UFSC, Florianópolis, 2007.